

## **APROXIMAÇÃO TEÓRICA ENTRE O FEMINISMO CAMPONÊS E POPULAR E O MARXISMO LATINO-AMERICANO**

Iridiani Graciele Seibert<sup>1</sup>  
Sandra Marli da Rocha Rodrigues<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo pretende apresentar alguns elementos do contexto histórico, do final da década de 80 e início da década de 90, que dão as condições materiais para o nascimento da Coordenadora Latino-americana de organizações do Campo – CLOC, e ressaltando a importância da auto-organização das mulheres no interior desta articulação do movimento camponês, indígena e negro da América Latina, Esta contextualização permite identificar a gênese da construção política teórico-prática do Feminismo Camponês e Popular, fundamentado nas teorias do pensamento marxista clássico, latino-americanos e de feministas materialistas. Evidencia-se uma aproximação necessário entre o intelectual peruano José Carlos Mariátegui e de maneira breve do pensamento de Antônio Gramsci, fazendo a relação entre o marxismo construído no continente e o Feminismo Camponês e Popular.

**Palavras chave:** Feminismo, Camponesas, Marxismo, América Latina, Práxis Política.

### **Resumen**

Este artículo pretende presentar algunos elementos del contexto histórico, de finales de los años 80 y principios de la década de los 90, que dan las condiciones materiales para el nacimiento de la Coordinadora Latinoamericana de organizaciones del Campo - CLOC, y resaltando la importancia de la autoorganización de las mujeres en el interior de esta articulación del movimiento campesino, indígena y negro de América Latina, Esta contextualización permite identificar la génesis de la construcción política teórico-práctica del Feminismo Campesino y Popular, basado en las teorías del pensamiento marxista clásico, latinoamericanos y de feministas materialistas. Se evidencia una aproximación necesaria entre el intelectual peruano José Carlos Mariátegui y de manera breve del pensamiento de Antônio Gramsci, haciendo la relación entre el marxismo construido en el continente y el Feminismo Campesino y Popular.

**Palabras clave:** Feminismo, Campesinas, Marxismo, América Latina, Práxis Política.

---

<sup>1</sup> Graduada em Agronomia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Mestranda no ELA/UNB. (2017 – 2018). Linha de pesquisa Sociedade, Estado e Política nas Américas, [iridianigs@yahoo.com.br](mailto:iridianigs@yahoo.com.br), orientador professor Dr. Martin-Léon-Jacques Ibáñez de Novion, [jacquesnovion@unb.br](mailto:jacquesnovion@unb.br)

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia para Educadores do Campo, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Sociedade, Cultura e Fronteiras, UNIOESTE Campus Foz do Iguaçu; e-mail: [darocharodrigues@gmail.com](mailto:darocharodrigues@gmail.com), orientador professor Dr. Fernando José Martins, [fernandopedagogia2000@yahoo.com.br](mailto:fernandopedagogia2000@yahoo.com.br)

## **Introdução:**

O presente artigo traz uma breve contextualização histórica, política e do final da década de 80 e início da década de 90. A década de 80 na América Latina é avaliada por economistas como a “década perdida”, de crise econômica e política e de precarização das condições sociais, que em contrapartida em nível social, essas condições abrem caminho a um momento importante para as lutas de participação social, de abertura democrática, assim como berço do surgimento de muitas organizações populares no continente. Para entender o contexto histórico dos países latino-americanos na década de 80, precisamos analisar alguns fatos sociais, políticos e econômicos que ocorreram naquele período.

As democracias burguesas na América Latina ampliaram as desigualdades sociais, são subservientes aos interesses do capital internacional, permitindo e facilitando a exploração e esgotamento, tanto da mão de obra das e dos trabalhadoras (es), bem como, dos bens naturais existentes nos territórios.

A América Latina, é terreno fértil para o nascimento de diversos movimentos sociais e organizações da classe trabalhadora, entre elas a CLOC, ressaltando a auto organização das mulheres camponesas, indígenas e negras. Fazendo uma aproximação teórica entre às contribuições do intelectual peruano José Carlos Mariátegui e também, de maneira breve, do pensador marxista Antônio Gramsci com o Feminismo Camponês e Popular que traz para a análise relevantes elementos para o pensamento social latino-americano, em especial para o marxismo desenvolvido no continente.

Considerando que há uma possível e necessária relação entre o marxismo e o feminismo, tanto no campo teórico como no campo político prático na busca pela emancipação das mulheres camponesas, indígenas e negras da América Latina, mas sem perder o horizonte na luta pela Emancipação Humana.

## **Contextualização histórica da América Latina**

Um fator preponderante do contexto latino-americano para a década é a crise econômica. Período de estancamento das economias, crescimento das dívidas públicas, desemprego, altas taxas de inflação, desvalorização dos salários e queda na produtividade do

setor industrial. Para resolver a crise os governos implantaram políticas de ajuste econômico, com reformas estruturais em nível de macroeconomias latino-americanas, estabelecidas por meio do “Consenso de Washington”<sup>3</sup>, que pretendiam atender as demandas do mercado internacional, para isso se previa centralmente uma diminuição da intervenção do Estado na economia e a liberalização dos mercados internos e externos, liberalização do mercado de trabalho e privatização de empresas públicas, é o marco do estabelecimento do neoliberalismo como política econômica no continente. Contudo, estas reformas não resolveram a crise econômica, pelo contrário, o desemprego, a inflação, a queda dos salários se afirmaram e a pobreza e a desigualdade continuaram imperantes. (SALVIA). Segundo Traspadini e Mandarino (2013, p.13 - 15) o objetivo destas reformas eram:

A drenagem de recursos, oriunda da queda nos preços dos produtos primários e no aumento do investimento direto estrangeiro americano no território, combinada com a austeridade macroeconômica com altas taxas de juros, foi o mecanismo político realizado desde o norte, para contrarrestar a tendência à queda da taxa de lucro dos capitais americanos e da hegemonia mundial dos EUA, a partir da apropriação privada do continente, via multinacionais, sobre novas bases, como propriedade privada americana.

[...] Neste novo redimensionamento da divisão internacional do trabalho, América Latina cumpria a função clara de ser um mecanismo de compensação tanto da queda da taxa de lucro do capital monopolístico americano, através da redução dos salários e da precarização das condições de trabalho no continente, além de ser um alicerce central da retomada da hegemonia americana mundial, liderada pelos grandes capitais em disputa comercial com a Europa e o Japão.

Na década de 90 se aprofundam as políticas econômicas neoliberais nos países latino-americanos, com uma economia de base primária, cabendo aos países prover de matéria prima (minerais, fontes energéticas e grãos) e mão de obra barata para as indústrias do capital monopolista norte americano, ampliando conflitos no campo e a super - exploração com precarização e pauperização dos trabalhadores nos centros urbanos. Estão presentes a ampliação das privatizações e das dívidas externas dos Estados, uma total dominação das

---

<sup>3</sup> Reunião ocorrida entre intelectuais, representantes políticos do Estado, capitais privados nacionais e órgãos financeiros de fomento mundial. Um dos principais expoentes deste processo foi Williamson, autor responsável por esmiuçar os 10 pontos do debate do grupo, tanto sobre a crise, quanto sobre as medidas a serem efetivadas para contê-la. Vale ressaltar, que as políticas propostas pelo Consenso de Washington, foram estruturadas e pensadas para a readequação do Terceiro Mundo, em especial da América Latina, em sua relação com o decadente capital produtivo monopolista americano, como forma de compensação, superação, de suas perdas irreversíveis internamente, com possibilidades de mudança no controle do plano mundial.

economias periféricas frente às políticas econômicas centrais (TRASPADINI; MANDARINO, 2013).

Somada a crise política as forças sociais e de esquerda do continente sofrem com a queda do Estado socialista da URSS em 1989, que teve grande influência nos processos revolucionários no continente, como em Cuba e outros países no referente a construção do Socialismo, referendadas na prática da Revolução de outubro mas também nas ideias da corrente de pensamento marxistas. A queda do socialismo Soviético teve duas consequências principais: a mudança da correlação mundial das forças em favor do imperialismo e contra os povos e a marginalização política e ideológica da esquerda Socialista. Porém cabe destacar que ela não significou uma ruptura de época, pois os processos de luta anteriores foram necessários para abrir caminho às lutas subsequentes da esquerda latino-americana (REGALADO, 2012).

Esta nova correlação de forças e a crise econômica no continente favoreceram o fim do processo revolucionário sandinista na Nicarágua, que dentro da política de dominação econômica norte americana, do presidente Ronald Reagan<sup>4</sup>, necessitava também de uma política de dominação político territorial sobre os países onde os governos não estavam alinhados as políticas neoliberais, assim em 1990 a Nicarágua

Tornou-se um importante polo da ingerência norte-americana, que aliada a grupos opostos a Frente Sandinista, principalmente à burguesia e à alta hierarquia da Igreja Católica, constituíram juntos grupos armados, os contras, que travaram com o governo uma guerra civil. A Revolução Sandinista durou até 1990, quando a FSLN foi derrotada eleitoralmente por uma coalização contrarrevolucionária denominada UNO (União Nacional Opositora), financiada pelos Estados Unidos (SÁ, 2014, p. 12).

Esta crise econômica no continente teve como contrapartida resultados que podem ser considerados positivos. A América Latina vivenciou nas décadas de 60 e 70 a ascensão de regimes políticos ditatoriais, os quais foram fundamentais para assegurar as políticas de desenvolvimento dependente dos EUA, que inicialmente tiveram certo crescimento econômico

---

<sup>4</sup> Em 1981, eleito presidente, em substituição a Jimmy Carter e, depois, reeleito em 1984. Reagan implantou uma política conservadora, destinada a sanar a economia, baseada na redução dos impostos e dos juros elevados, tendo como contrapartida a diminuição dos benefícios sociais e um aumento do déficit público. Pretendia, desse modo, financiar as despesas de rearmamento (baseado sobretudo na construção de mísseis de médio alcance e na iniciativa de defesa estratégica/SDI). Anticomunista, seguiu inicialmente uma política de confronto com os Estados do bloco comunista e com os regimes revolucionários do Terceiro Mundo, especialmente na América Central.

com os empréstimos tomados das instituições financeiras, mas que logo levam a crise econômica que apresentamos anteriormente. Porém “[...] Entre 1979 e 1990, mais de uma dezena de países latino-americanos viveram a transição democrática, na América do Sul, por exemplo, o fim do regime militar ocorreu em 1982, na Bolívia; em 1983, na Argentina; em 1984, no Uruguai; em 1985, no Brasil, e em 1988 no Chile [...]” (ANPHLAC, 1993)<sup>5</sup>. Neste período de redemocratização e abertura política nascem centenas de movimentos populares do campo, urbanos, sindicais, estudantis, de mulheres e partidos políticos. Cabe destacar que estas organizações populares, de luta de resistência nos territórios, por direitos sociais e humanos e pela democracia tem influencia e relação intrínseca com as comunidades eclesiais de base, ligadas a Teologia da Libertação, a qual segundo Dussel (1990) citado por Lowy (2007, p. 524):

[...] nace y aprende disciplinadamente, desde la praxis del pueblo latinoamericano, de las comunidades cristianas de base, de los pobres y oprimidos. Justifica primero el compromiso político de los cristianos militantes, para después hacer lo mismo con la praxis toda del Pueblo latinoamericano empobrecido. Es entonces un discurso teológico crítico, que sitúa a las cuestiones tradicionales (pecado, salvación, Iglesia, cristología, sacramentos, etc.) en un nivel concreto pertinente. No niega lo abstracto (el pecado en sí, por ejemplo), pero lo sitúa en la realidad histórica concreta (el pecado de la dependencia, por ejemplo).

Es por una exigencia de reflexión teológica crítico-concreta desde los pobres y oprimidos por lo que el instrumental de las ciencias humanas, y particularmente del marxismo, se hizo necesario [...].

Contudo, as democracias burguesas, tampouco trouxeram igualdade aos povos latino-americanos, alguns direitos políticos foram assegurados, mas a desigualdade social e econômica ampliou-se com as políticas neoliberais adotadas pelos Estados. No que se refere especificamente a estas políticas e seu impacto no campo, que segue sendo a principal fonte econômica, com a exploração dos bens naturais e da produção de matérias primas, o “modelo”

---

<sup>5</sup> Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha - ANPHLAC, tendo como finalidade principal o incentivo a uma prática sistemática de pesquisa direcionada para a América Latina de colonização espanhola e o Caribe. A ANPHLAC também se preocupou, desde o início, em contribuir para a ampliação e o aperfeiçoamento da área de História das Américas no Ensino Básico e Superior.

produtivo do Agronegócio<sup>6</sup> ganha espaço e é impulsionado por políticas do FMI<sup>7</sup> e Banco Mundial<sup>8</sup> junto aos governos nacionais, para atender a demanda por commodities<sup>9</sup> do mercado internacional. Assim, esse “modelo” se tornou a fonte econômica principal em países como Argentina, Uruguai, Chile e Brasil (MESQUITA, 2015). Como consequência desta política produtiva no continente, com suas variações de acordo com as especificidades regionais, houve a ampliação da concentração da terra, expulsão e migração de camponeses, indígenas e negros do campo, homogeneização da produção, aumento da importação de insumos e geração de dependência dos mesmos do mercado externo e aumento da pobreza e desigualdades sociais no campo latino-americano (MESQUITA, 2015).

Nesse contexto histórico, político, social e econômico na América Latina no final da década de 80 e início dos anos 90 se impulsiona a construção no marco das comemorações dos 500 anos do “descobrimento” do continente, uma Campanha Continental de Resistencia Indígena, Negra e Popular, organizada pelos movimentos populares, com relevante presença e influencia dos movimentos organizados de camponeses e indígenas. De 1989 a 1992 se realiza uma serie de 04 encontros continentais “[...] foram realizados respectivamente em Bogotá (Colômbia, 1989), Xelaju (Guatemala, 1991, onde foi incluída a temática negra), na Nicarágua e em São Paulo (1995)” (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2006, online). As principais preocupações e conclusões da campanha podem ser identificadas em uma de suas cartilhas (1991), que apontava:

---

<sup>6</sup> Agronegócio é toda a relação comercial e industrial envolvendo a cadeia produtiva agrícola ou pecuária. No Brasil, o termo é usado para se referir às grandes propriedades monocultoras modernas que empregam tecnologia avançada e pouca mão de obra, com produção voltada principalmente para o mercado externo ou para as agroindústrias e com finalidade de lucro.

<sup>7</sup> O Fundo Monetário Internacional é uma organização internacional criada em 1944 na Conferência de Bretton Woods (com 29 países-membros e homologado pela ONU em abril de 1964) com o objetivo, inicial, de ajudar na reconstrução do sistema monetário internacional no período pós-Segunda Guerra Mundial. Os países contribuem com dinheiro para o fundo através de um sistema de quotas a partir das quais os membros com desequilíbrios de pagamento podem pedir fundos emprestados temporariamente. Através desta e outras atividades, tais como a vigilância das economias dos seus membros e a demanda por políticas de auto-correção [...].

<sup>8</sup> Es una organización internacional especializada en finanzas que depende de las Naciones Unidas. Se define como una fuente de asistencia financiera y técnica para los llamados países en desarrollo. Su propósito declarado es reducir la pobreza mediante préstamos de bajo interés, créditos sin intereses a nivel bancario y apoyos económicos a las naciones en desarrollo. Está integrado por 189 países miembros. Fue creado en 1944 como parte del Acuerdo de Bretton Woods.

<sup>9</sup> Originalmente significava qualquer mercadoria, mas hoje é utilizado nas transações comerciais de produtos de origem primária na bolsa de valores, para se referir a produtos de qualidade e características uniformes, que não são diferenciados de acordo com quem os produziu ou de sua origem, sendo seu preço uniformemente determinado pela oferta e procura internacional.

Ahora existen nuevas formas de dominacion y de colonialismo, grandes empresas transnacionales explotan nuestro trabajo y los recursos naturales de nuestros pueblos. [...] Ahora nuestros países estan amarrados por la deuda externa, los organismos creados por el imperialismo, como el Fondo Monetario Internacional, son los que determinan las políticas económicas, que mantienen sumidos en la miseria nuestros pueblos.

Com o acúmulo político dos 04 anos de encontros e diálogos entre os movimentos populares camponeses, indígenas e negros do continente, e os levantamentos populares campesinos e indígenas dos Zapatistas no México, dos cocaleros na Bolívia, dos indígenas no Equador e das lutas por reforma agrária no Brasil, Paraguai e Guatemala, é criada em Lima, Peru no ano de 1994 a Coordenadora Latino-americana de Organizações do Campo – CLOC<sup>10</sup>. Que no seu I Congresso Continental afirma seu caráter de luta anticapitalista e anti-imperialista, como podemos ver na abertura da declaração final deste encontro:

América Latina sigue viviendo bajo la dominación política y económica del imperialismo norteamericano. En el marco de la reestructuración del mercado mundial y la conformación de democracias formales y tuteladas en América Latina, se han aplicado políticas de ajuste y se han privatizado y entregado las economías nacionales al capital internacional (CLOC, online).

Cabe aqui destacar a atuação importante das mulheres camponesas, indígenas e negras na construção desta articulação continental de movimentos populares do campo e as já emergentes reivindicações feitas por elas, quanto ao reconhecimento das formas específicas de violência praticada contra as mulheres no campo por meio das políticas neoliberais, sobre os territórios e a necessidade do reconhecimento da sua atuação, enquanto sujeitos políticos de transformação social no interior do movimento camponês latino-americano. Assim fica registrado também na declaração do I Congresso da CLOC:

---

<sup>10</sup> Es una instancia de articulación continental con 23 años de compromiso constante con la lucha social que representa a movimientos campesinos, de trabajadores y trabajadoras, indígenas y Afrodescendientes de toda América Latina. Al presente, contamos con 84 organizaciones en 18 países de América Latina y el Caribe que constituye una fuerza social movilizadora presente en todos los espacios que ofrezca propuestas alternativas a nivel de nuestro continente. La CLOC es la aliada directa de la Vía Campesina Internacional en nuestro continente para a través de nuestros temas de trabajo, de nuestros ejes, acciones y espacios de articulación y movilización luchar contra el sistema patriarcal y capitalista que destruye a vida de campesinos y campesinas.

La lucha de las mujeres del campo es la lucha de todos; no es un problema sólo de las mujeres sino de todos los explotados, de toda la sociedad. Trabajaremos por una mística latinoamericana que supere todo tipo de discriminación y violencia contra la mujer, facilitando y apoyando su participación activa y con iguales derechos que el hombre en las diferentes instancias de decisión [...] (CLOC, online).

As mulheres da CLOC, em especial as que compõem organizações auto - organizadas de mulheres<sup>11</sup>, dão origem a Articulação de Mulheres da CLOC, realizando encontros, debates, reuniões, seminários e assembleias, para discutir as realidades vivenciadas por elas. O debate das mulheres começou sobre a base do conceito da categoria de gênero que visava principalmente problematizar e garantir a paridade na participação das mulheres nos espaços políticos e de direção da CLOC e a luta por seus direitos, mas esta categoria se tornou insuficiente com o aprofundamento do debate e das demandas políticas das organizações de mulheres, que em 2009 demarcam um salto, reconhecendo-se de forma explícita como feministas (FORÉS, 2013).

Porém, o pensamento e teorias feministas dominantes no continente concebem uma tradição ocidental, que em muitos casos, reflete uma posição de classe, de mulheres brancas, urbanas e de classe média, as quais não compreendem e não colocam em evidência as demandas políticas das mulheres rurais, indígenas e negras. Assim, a Articulações de Mulheres da CLOC constrói seu próprio feminismo, o Feminismo Camponês e Popular, ligado a sua prática, realidade e pensamento político (FORES, 2013).

### **Feminismo camponês e popular em construção**

Como vimos na contextualização histórica do continente latino-americano da década de 80 e início da década de 90, onde se apresentaram as condições e a necessidade para o surgimento da CLOC, da qual a organização e reivindicações das mulheres camponesas são parte inerente e fundamental neste processo constitutivo da organização, este momento demarca a gênese do Feminismo Camponês e Popular, que, portanto, nasce da necessidade material das mulheres camponesas, indígenas e negras da América Latina organizadas na CLOC. Este feminismo é uma estratégia política para a emancipação e libertação das mulheres do campo frente às desigualdades sociais, econômicas e políticas que o capitalismo e o patriarcado

---

<sup>11</sup> Composta exclusivamente de mulheres e quem decide os rumos da organização são as próprias mulheres.



subjugam a cotidianidade destas mulheres. Essa gênese que parte da realidade material das mulheres aproxima o Feminismo Camponês e Popular à teoria marxista.

A teoria marxista tem muito a contribuir com o Feminismo Camponês e Popular, por sua base material, concreta e não abstrata. Ao permitir analisar a totalidade da sociabilidade humana e como as mulheres estão inseridas nesta totalidade, isso contribui a entender a condição das mulheres camponesas, indígenas e negras da América Latina em uma sociedade de classes, com suas particularidades e diferenças com outros contextos históricos. Contribui na busca da gênese da condição de exploração, dominação e opressão das mulheres em uma sociedade capitalista. E principalmente apontando que nenhuma forma de sociabilidade é eterna e natural, para tanto é plausível de transformação e superação, a qual é a proposta estratégica do Feminismo Camponês e Popular, o fim da sociedade capitalista e patriarcal e a emergência de uma nova sociedade Socialista e Feminista.

Partindo da premissa da particularidade e das diferenças ao interior de uma totalidade, em referencia a totalidade de uma sociedade capitalista, as ideias de Marx foram apreendidas para analisar a realidade latino-americana. José Carlos Mariátegui<sup>12</sup>, considerado como um dos primeiros e mais relevantes marxistas do continente, trouxe importantes contribuições ao marxismo a partir da análise local, considerando o contexto particular da sociedade latino-americana e de sua origem histórica. Assim trataremos de apresentar a seguir os elementos comuns aportados por Mariátegui ao marxismo latino-americano e presentes no Feminismo Camponês e Popular.

Mariátegui define a situação peruana e latino-americana do final do século XIX e início do XX, como resultado do modelo de dominação colonial que teve como centro do desenvolvimento econômico a apropriação e concentração da propriedade da terra (MELIS, 1979). A partir da leitura de uma sociedade de classes, identifica no interior das sociedades latino-americanas uma burguesia local dependente e submissa às burguesias do capitalismo central europeu e do imperialismo norte americano (MELIS, 1979). Essa afirmação também compartilhada pelo marxista cubano Júlio Antônio Mella<sup>13</sup> que “[...] insiste en la complicidad

<sup>12</sup> Nació en 1895, y falleció muy joven en 1930, fundador del comunismo peruano, es probablemente el pensador marxista más importante que América Latina haya producido hasta ahora. Profundizó importantes escritos filosóficos (Defensa del marxismo, 1928-29) y sociohistóricos (Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana, 1928).

<sup>13</sup> Nació en La Habana, (Cuba) el 25 de marzo de 1903. Fue un periodista y revolucionario cubano asesinado en Ciudad de México en 10 de enero de 1929. Fundador del Partido Comunista Cubano, es uno de los primeros

entre el imperialismo y las burguesías nacionales del continente y en la primacía de la contradicción de clases” (LOWY, 2007. p.195). Essa burguesia latino-americana fortemente atrelada aos interesses internacionais, sem capacidade e interesse de um real desenvolvimento local ou nacional que anunciavam enquanto movimento nacionalista do período exploraram e discriminaram as populações indígenas e negras. Contudo, para Mariátegui a centralidade da problemática do índio esta na propriedade da terra, como podemos ver abaixo:

No nos contentamos con reivindicar el derecho del indio a la educación, a la cultura, al progreso, al amor y al cielo. Comenzamos por reivindicar, categóricamente, su derecho a la tierra. Esta reivindicación perfectamente materialista debería bastar para que no se nos confundiese con los herederos o repetidores del verbo evangélico del gran fraile español, a quién, de otra parte, tanto materialismo no nos impede admirar y estimar fervorosamente (MARIÁTEGUI, citado por MELIS, 1979, p.24).

O Feminismo Camponês e Popular nasce da luta pela terra e território das populações indígenas, camponesas e negras, identificando o controle e concentração da terra e dos bens naturais contidos nelas, como elemento determinante para a acumulação do modelo econômico capitalista e imperialista. As mulheres da CLOC aprofundam esta análise, chamando a atenção que para além do controle e domínio das terras e territórios, se trata da implantação de um modelo de produção agrícola capitalista, completamente antagônico ao modelo camponês e indígena de produção de alimentos. Esse modelo de produção capitalista no campo latino-americano atende as demandas das oligarquias fundiárias locais, que são as representantes dos interesses das burguesias europeias e norte-americanas no continente. Portanto o Feminismo Camponês e Popular identifica as causas da dominação e exploração das mulheres camponesas latino-americanas na:

[...] Globalización capitalista neoliberal, el patriarcado y el colonialismo. El capitalismo neoliberal es la causa de la transformación del sistema alimentario mundial hacia un modelo agroindustrial, controlado por un grupo de transnacionales y que se rige por una lógica de acumulación del capital, despojando-se de su principal función alimentar a las personas [...] (FORES, 2013, p. 99).

---

marxistas latinoamericanos en analizar el fenómeno de la dominación imperialista que sembró los países del continente, sus relaciones con las dictaduras locales y la estrategia que de ello recae sobre el movimiento obrero.

As camponesas afirmam que o capitalismo aprofundou a divisão sexual do trabalho no campo, inferiorizando e inviabilizando o trabalho produtivo realizado por elas e empurrando o trabalho reprodutivo como de responsabilidade exclusiva das mulheres. O Feminismo Camponês e Popular coloca também na centralidade da opressão das mulheres o sistema patriarcal, absorvido pelo capitalismo e necessário para seu desenvolvimento e para exploração das mulheres trabalhadoras e camponesas. Na V Assembleia continental em Buenos Aires, as mulheres da CLOC afirmam que o Patriarcado:

Es un sistema de opresión que fue incorporado estructuralmente por el capitalismo, porque le permite mantener y reforzar relaciones de poder y explotación, y nos impacta de manera más brutal a las mujeres. Somos las mujeres pobres las que sufrimos el peso múltiple de la subordinación, la discriminación de género, la explotación de clase, el racismo y el sexismo. Queremos construir una sociedad distinta, con igualdad de derechos y relaciones libres de opresión y discriminación [...] (CLOC, online, 2015).

A propriedade da terra identificada por Mariátegui como central na problemática indígena e camponesa coloca em evidência um novo sujeito de transformação social e em embate direto as premissas da sociabilidade do modelo capitalista, assim não apenas os operários, trabalhadores das fábricas devem ser tomados como sujeitos de transformação social, mas estes aliados aos camponeses, indígenas e negros. As formas comunitárias de posse da terra das comunidades indígenas e negras e as formas coletivas de trabalho e de produção no meio camponês são antagônicas ao individualismo do liberalismo capitalista (MELIS, 1979). De igual maneira o Feminismo Camponês e Popular coloca em destaque as mulheres do campo como sujeitas de transformação social, para o estabelecimento de novas relações de produção, mas também novas formas de relação entre homens e mulheres, relações que superem a subordinação, dominação e exploração das mulheres.

O sujeito camponês, indígena e negro não é uma classe homogênea na América Latina, pelo contrário, é extremamente diverso e plural, em suas formas de organização social, política, produtiva, econômica e cultural. São diversas etnias e povos indígenas, povos negros também de origens distintas e povos de origem europeia que tampouco são homogêneos, que em convivência entre si produzem novas identidades culturais locais. A identificação desta heterogeneidade de formas de pensar, de se organizar e de viver é fundamental para o Feminismo Camponês e Popular, e mais que sua identificação a valorização, dessa forma, segundo Rodriguez em entrevista a Caro (2010, p.09) “[...] Reconhecemos o feminismo como

um esforço para compreender a complexidade das formas de exploração e dominação para construir um movimento integral que articule diferenças”. Contudo, as mulheres que constroem o Feminismo Camponês e Popular tem em comum a relação com a terra, o território e a produção de alimentos, como identidade que as unifica, mas com a certeza de que essencialismos e romantismos em relação às identidades indígenas, camponesas e negras devem ser superadas, assim como devem ser eliminadas todas as formas de hierarquias ou relações de desigualdade reproduzidas no interior destas comunidades. Mariátegui coloca esta preocupação ao analisar a situação dos indígenas peruanos, o escritor não parte de um movimento de restauração, de volta as condições pré - coloniais, pois sabe que não há volta atrás no caminho já recorrido até o momento atual. Ele reconhece a diversidade de povos indígenas no Peru, suas diferentes formas de organização social e os diferentes impactos da economia e política colonial e capitalista sobre cada comunidade indígena, que varia de acordo com um maior ou menor grau de relação com os colonizadores e as formas de economia implantada nas diferentes regiões. Assim, existem indígenas que se tornaram peões dos grandes latifundiários, dos “gamonales”<sup>14</sup> e outros trabalhadores das mineiras. A condição material de cada comunidade indígena determinará suas novas formas de organização e suas necessidades, em alguns casos na busca por terras comunitárias, outros por terras individuais ou ainda pelo direito de se organizar sindicalmente por melhores condições de trabalho, diminuição da jornada de trabalho, direitos trabalhistas e melhores salários. Porém, sem perder de vista que os indígenas tem em comum sua condição de explorados e discriminados por uma classe dominante local que busca manter seus privilégios frente ao restante da população (MARIÁTEGUI, 1929 citado por LOWY, 2007).

Mariátegui explicita a divisão de classes sociais nas sociedades latino-americanas e, sobretudo a oposição entre elas, ao referir – se aos governantes do pós – independência, ele os aponta como “nueva clase gobernante, ávida y sedienta de riquezas, se dedica a agrandar sus latifundios a costa de las tierras pertenecientes a la comunidade indígena, hasta llegar a hacerlas desaparecer en algunos departamentos [...]” (MARIÁTEGUI, citado por LOWY, 2007, p. 114). O intelectual marxista percebe e coloca em evidencia a exploração a qual a população indígena é submetida pelas classes burguesas locais, que não se incomodam em usar das mais perversas e cruéis formas de domínio e se preciso até a eliminação de quem considerem obstáculos para

<sup>14</sup> Una categoría social y económica, la de los latifundistas o grandes propietarios agrários.

o acúmulo de suas riquezas. Ele faz uma veemente crítica ao Aprismo<sup>15</sup> peruano que aponta a possibilidade para a saída da situação de dominação imperialista na emergência de um nacionalismo das classes burguesas e pequeno - burguesas peruanas, que levaria a um sentimento anti - imperialista. Mariátegui alerta para o caráter da burguesia local:

[...] ven en la cooperación con el imperialismo la mejor fuente de provechos, se sienten lo bastante dueñas del poder político para no preocuparse seriamente de la soberanía nacional. Estas burguesías, en Sudamérica, que no conoce todavía, salvo Panamá, la ocupación militar yanqui, no tienen ninguna predisposición a admitir la necesidad de luchar por la segunda independencia [...] MAREATEGUI, 1929 citado por LOWY, 2007).

Portanto não é possível uma aliança entre as classes subordinadas e exploradas peruana e latino-americana com as classes dominantes de seus países. Elas são antagônicas entre si, e as classes dominantes locais tem uma aliança estabelecida e consolidada com as classes dominantes do imperialismo estadunidense. O Estado – Nação não é mais que um instrumento do capital para a constituição destas burguesias locais circunscritas em um território determinado e subordinadas internacionalmente.

As mulheres camponesas, indígenas e negras latino-americanas percebem o Feminismo como importante estratégia na construção de uma nova sociedade, o feminismo que aportou importantes conquistas e avanços nos direitos das mulheres. Mas é preciso demarcar que existem diferentes movimentos organizados de mulheres, diferentes movimentos feministas, cada um fundado em uma ou em várias correntes do pensamento feminista. Os feminismos de maior amplitude nos meios acadêmicos e razoavelmente aceitáveis no seio da sociedade são os feminismos liberais, majoritariamente de mulheres das classes altas e médias, mulheres brancas, que buscam direitos dentro na sociabilidade capitalista, sem almejar a mudança das suas estruturas. A centralidade de suas reivindicações esta em temas que na maioria das vezes não condizem com as necessidades e pautas das mulheres das classes trabalhadoras, muito menos das mulheres trabalhadoras do campo e das mulheres negras. Ângela Davis afirma inclusive que os movimentos feministas tradicionais e reconhecidos dos Estados Unidos expressam concepções e ações racistas e classistas, invisibilizam e não reconhecem as lutas das

---

<sup>15</sup> Las siglas APRA provienen del nombre de la Alianza Popular Revolucionaria Americana, propuesta inicial de su fundador Víctor Raúl Haya de la Torre de formar una red de movimientos sociales y políticos antiimperialistas en América Latina. El aprismo hizo partido de un frente que lo encabezaron las clases medias intelectuales.

mulheres negras contra a escravidão, das mulheres trabalhadoras das fabricas por melhores condições de trabalho. E principalmente não consideram a exploração e dominação do capitalismo como garantidor do sistema patriarcal de dominação e que é preciso a abolição desta sociedade capitalista e a construção de uma sociedade socialista, somente na qual as mulheres poderão ser totalmente emancipadas enquanto seres humanos (DAVIS, 2016). Dessa forma, as mulheres da CLOC sentiram a necessidade de demarcar seu feminismo, de acordo com seu leito histórico, sua identidade camponesa e seu caráter classista, e para isso buscaram fundamentos teóricos e práticos nas experiências das mulheres socialistas revolucionarias e da corrente de pensamento marxista para dar conteúdo teórico ao Feminismo Camponês e Popular, estabelecendo aliança com outras mulheres camponesas, indígenas, negras e operárias do continente latino-americano, uma aliança internacional das mulheres camponesas em favor da luta contra a dominação patriarcal, mas também contra a dominação Capitalista e Imperialista.

Para o Feminismo Camponês e Popular a emancipação das mulheres e o fim de toda forma de exploração, dominação e discriminação somente serão possíveis em uma sociedade Socialista, mas não só das mulheres, e, sim, da humanidade. Para Mariátegui a materialidade da luta pela emancipação indígena somente é proporcionada pela luta socialista, o sociólogo peruano afirma com rigorosidade:

La reivindicación indígena carece de concreción histórica mientras se mantiene en un plano filosófico o cultural. Para adquirirla, esto es, para adquirir realidad, corporeidade necesita convertirse en reivindicación económica y política. El socialismo nos ha enseñado a plantear el problema indígena em nuevos términos. Hemos dejado de considerarlo abstractamente como el problema étnico o moral para reconocerlo concretamente como problema social, económico y político. Y entonces lo hemos sentido, por primera vez, esclarecido y demarcado (MARIÁTEGUI, citado por LOWY, 2007, p. 111).

O Feminismo Camponês e Popular entende que existe uma relação imbricada e estrutural entre o sistema capitalista, o patriarcado e o racismo. “Há uma unidade dialética entre as subestruturas básicas do poder da sociedade capitalista: classe, gênero, raça/etnia, na qual estas categorias estão organicamente integradas [...] (CISNE, 2010, p. 55). As mulheres camponesas são exploradas, dominadas e oprimidas pelo sistema capitalista de produção no campo, que as expulsa de suas terras, se apropria das sementes, da biodiversidade, dos minérios, das águas e de seus saberes para acumular riquezas, igualmente elas são exploradas, dominadas e oprimidas pelas relações hierárquicas no interior da família camponesa que também é

patriarcal, com as múltiplas jornadas de trabalho e a desvalorização e invisibilidade de seu trabalho produtivo, e oprimidas uma vez mais pela sua identidade camponesa, indígena e negra, que as coloca em uma das piores condições de subalternidade. Contudo, compreendendo que “[...] as relações entre classe, raça/etnia e gênero como uma unidade dialética que determina o sujeito totalizante: a classe trabalhadora” (CISNE, 2010, p. 55), da qual elas são parte. As mulheres da CLOC asseguram “[...] que la lucha de classe no basta y debe ir acompañada, no solo a nível discursivo ni em um segundo plano, de uma verdadeira transformacion feminista de la sociedade [...]” (FORES, 2013, p. 105). Para elas a luta feminista e racial encontra um limite para uma emancipação “substantiva”<sup>16</sup> no bojo de uma sociedade capitalista, mas a construção de uma sociedade socialista que apenas considere a eliminação da propriedade privada e a socialização dos meios de produção, sem eliminar as hierarquias de poder nas relações entre mulheres e homens, e as opressões de raça/etnia, também não alcançará uma verdadeira emancipação humana.

Mariátegui igualmente identificou em sua época uma exploração e dominação específica praticada contra os povos indígenas pelas classes dominantes locais. Porém ele advertia desde então que a libertação étnico/racial dos indígenas não seria efetiva apenas tomando em consideração um foco cultural e moral, pois, a materialidade das discriminações e desigualdades culturais e morais se assenta em uma construção histórica social, política e econômica da cultura e moral das classes dominantes oligárquicas, crioulas e capitalistas. Assim, o escritor peruano afirma que “Solo el movimiento revolucionario clasista de las masas indígenas explotadas podrá permitirles dar un sentido real a la liberación de su raza de la explotación, favoreciendo las posibilidades de su autodeterminación política” (MARIÁTEGUI, 1929, citado por LOWY, 2007, p. 116).

O Feminismo Camponês e Popular é uma construção prática e teórica, assentada na materialidade da vida das mulheres camponesas, indígenas e negras latino-americanas, encerrada em suas pluralidades e diversidades. Portanto, o feminismo das mulheres da CLOC é também uma categoria construída coletivamente e organicamente pelas mulheres deste movimento popular campesino do continente, e que se apresenta como uma nova proposta política para todo o movimento campesino e para toda a sociedade, “[...] la concepción

<sup>16</sup> Expressão de Mészáros (2002), contrapondo-se a igualdade formal e afirmando a necessidade de uma igualdade real, verdadeira, portanto, substantiva.

feminista que estamos construyendo desde la CLOC/VC<sup>17</sup> está fuertemente ligada a los procesos políticos organizativos, de formación política y de luchas concretas que cambien la vida social, económica y política de la clase trabajadora y en particular de las mujeres” (CLOC, online, 2015). Este feminismo parte da compreensão da necessidade de libertação de todas as mulheres enquanto sujeito coletivo, já que, são exploradas e dominadas também coletivamente, mulheres inseridas dentro da classe trabalhadora, esse elemento também as diferencia de outros feminismos que partem do indivíduo como centralidade da sua análise, da libertação das mulheres em seus direitos individuais, característica fomentada e inerente ao liberalismo capitalista.

Para fazer um paralelo a esta importante característica do Feminismo Camponês e Popular, trazemos presente as contribuições do pensador italiano Antônio Gramsci<sup>18</sup>, que afirma a necessidade da construção de um projeto revolucionário hegemônico que se apresente para toda a sociedade, compreendendo esta como uma totalidade, com suas particularidades, contradições no seu interior e como resultado do processo histórico. O pensador afirma haver a necessidade da construção de uma nova consciência Política Universal no interior das classes subalternas, que articule a superação da dominação econômica, política e social, mas também cultural, ressaltando que esta última não pode ser analisada de forma autônoma ou descolada das raízes marxistas econômicas e políticas (SIMIONATTO, 1997). Considerando que o próprio Marx não nega a importância da cultura para uma verdadeira Emancipação Humana, onde o ser humano possa ser livre da exploração e alienação do capitalismo mas também possa desenvolver todas suas habilidades culturais, artísticas, musicais, poéticas, enfim, tudo aquilo que eleve o espírito humano (MARX, 2015). Gramsci ressalta que a construção deste projeto revolucionário deve ser produzido por um Novo intelectual que surge das massas subalternas e estará em permanente contato com elas, o intelectual orgânico e coletivo (SIMIONATTO,

<sup>17</sup> Es el movimiento internacional que agrupa a millones de campesinos y campesinas, pequeños y medianos productores, pueblos sin tierra, indígenas, migrantes y trabajadores agrícolas de todo el mundo. Defiende la agricultura sostenible a pequeña escala como un modo de promover la justicia social y la dignidad. Se opone firmemente a los agronegocios y las multinacionales que están destruyendo los pueblos y la naturaleza. La Vía Campesina comprende en torno a 164 organizaciones locales y nacionales en 73 países de África, Asia, Europa y América. En total, representa a alrededor de 200 millones de campesinos y campesinas. Es un movimiento autónomo, pluralista y multicultural, sin ninguna afiliación política, económica o de cualquier otro tipo.

<sup>18</sup> Na presente abordagem, Gramsci será tomado como pensador marxista cuja obra é perpassada por uma visão crítica e histórica dos processos sociais. Isto porque Gramsci não toma o marxismo como doutrina abstrata, mas como método de análise concreta do real em suas diferentes determinações.



1997). Dessa forma, o movimento camponês tem buscado construir sua teoria feminista, que surge de uma prática política histórica.

Mariátegui, Mella e Gramsci, como parte do movimento de renovação do pensamento político e científico do marxismo, trouxeram grandes e novas contribuições a este pensamento, desde suas realidades, as quais interpretaram e apontaram elementos chaves para superação da exploração e dominação do capitalismo, sem negar a originalidade e importância da contribuição do marxismo clássico na interpretação da totalidade do sistema capitalista, como podemos ver em Mariátegui ao referir-se as ideias de Marx na América Latina “La historia, sin embargo, no mide la grandeza de estos hombres por la originalidad de estas ideas, sino por la eficacia y genio con que las sirvieron (MARIÁTEGUI, 1929, citado por LOWY, 2007. p. 120). Porém, estes não analisaram a condição da mulher trabalhadora na sociedade de classes latino-americana. Assim, o Feminismo Camponês e Popular fundamentado teoricamente nos clássicos marxistas, no feminismo materialista e no marxismo latino-americano, que permite as mulheres e ao movimento feminista latino-americano “[...] instrumentalizarem-se para desnaturalizar as diversas opressões a que estão submetidas às mulheres” (CISNE, 2014), na perspectiva de construir as condições para a transformação da sociedade capitalista, patriarcal e racista rumo a uma sociedade Socialista, em que o Feminismo é parte necessária desta transformação na construção de uma sociedade sem exploração de classes, mas também sem exploração, dominação e opressão de gênero, raça/etnia.

### **Considerações finais**

O pensamento marxiano, como erroneamente se costuma afirmar que não tratou o tema das mulheres, sim realizou importantes análises sobre a questão da mulher na sociedade capitalista, elementos que ajudam a entender a origem e manutenção da exploração e dominação das mulheres na passagem ao novo sistema de produção e de sociedade, “Marx não considera o problema da mulher algo isolado da sociedade e de seu tipo estrutural” (SAFFIOTI, 1969, reeditado 2011, p. 85). Não podemos negar, claro, que sua análise foi insuficiente, e, às vezes coloca a questão da mulher como tema secundário, mas na análise da totalidade desta forma de sociabilidade, em que as mulheres estão submergidas

O marxismo possibilita uma análise crítica acerca das relações sociais, dentre elas as de gênero, mediante uma perspectiva de totalidade que não permite fragmentar a realidade,

buscando apreendê-la além da aparência, das “representações”. (...) Essa teoria, ao expor em bases materiais concretas a subordinação da mulher, permite engendrar ações da transformação desta situação, transformações em torno da busca pela igualdade substantiva, já que, além de expor em bases materiais, vai à essência dos “fenômenos”, apreendendo as grandes determinações e suas particularidades nas singularidades das condições de vida das mulheres (CISNE, 2014).

O Feminismo Camponês e Popular reafirma que a luta por emancipação das mulheres deve ser protagonizada pelas próprias mulheres, que são quem sofrem permanentemente e estruturalmente a opressão e dominação do patriarcado, do machismo e do capitalismo. Este feminismo é um importante esforço de construção pratico-teórico das mulheres camponesas, indígenas e negras latino-americanas, que contribuiu ao pensamento social e político do continente e inclusive traz relevantes aportes ao marxismo latino-americano. Mas que também influencia na luta política do movimento camponês continental, colocando em evidencia a relação necessária entre a luta feminista e a luta para a transformação da sociedade.

### Referências Bibliográficas

CARO, Pamela. *Feminismo campesino y popular: Autonomias e soberanias*. Santiago, Chile, 2010.

CISNE, Mirla. *Marxismo: uma teoria indispensável à luta feminista*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAI%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT4/gt4m3c6.PDF> : Unicamp. Campinas. Acesso em 26 de jun. de 2017.

\_\_\_\_\_. *Socialismo e feminismo: uma relação necessária*. Caderno de debates. Vol. II. Natal, Rio Grande do Norte, 2010.

CLOC- Coordinadora Latino Americana de Organizaciones del Campo. *Quienes somos?* Disponível em: <http://www.cloc-viacampesina.net/informacion-general/quienes-somos>. Acesso em: 26 de jun. de 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.cloc-viacampesina.net/congresos/v-asamblea-de-mujeres>. Acesso em: 29 de jun. de 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.cloc-viacampesina.net/congresos/i-congreso>. Acesso em: 28 de jun. de 2017.

CORREO OPINION. Disponível em: <http://diariocorreo.pe/opinion/socialismo-y-aprismo-277211/>. Acesso em: 29 de jun. de 2017.

DAVIS, Ângela Y. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução Heci Regina Candiani: Boitempo Editorial, São Paulo, Ed, 01, 2016. 244 pag.

FORÉS, Estefanía García. El Feminismo campesino y popular de las mujeres de la coordinadora latinoamericana de organizaciones del campo. *Género, Agroecología y soberanía alimentaria perspectivas eco feministas*: Icaria editora, 2013.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Campaña Quinientos años de resistencia indígena y popular en América Latina*. Guatemala, 1991. Traduzido ao português em 2006. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2006/05/11/brasil-500-anos-de-resistencia-indigena-negra-e-popular/>. Acesso em: 26 de jun. de 2017.

LÖWY, Michael. *El marxismo en América Latina*. Int. Puntos de referencia para una historia del marxismo en América Latina. p. 9 - 69. Cap. 2. El período revolucionário. Los primeros grandes marxistas latino-americanos. p. 98 -121. Cap. 5. Nuevas tendencias. p. 485-581. 1ª ed. en Chile. Santiago: Ed. LOM Ediciones, 2007.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844*. Tradução Jose Paulo Neto e Maria Antônia Pacheco. Ed. 01: Expressão Popular. São Paulo. 2015.

\_\_\_\_\_. Para a crítica da Economia Política: *Salario, Preço e lucro*. O rendimento e suas fontes. Os economistas: Ed. Abril cultural, 1982.

MELIS, Antônio. Mariátegui, primer marxista de América. *Cuadernos de cultura latino-americana 95*: Universidad Nacional Autonoma De México. México, 1979.

MESQUITA, Benjamin Alvino de; COSTA, Solange Maria Gayosoda; TEIXEIRA, Gerson Luis Mendes. *Expansão do agronegócio e a produção de alimentos na América latina: A contribuição governamental a centralização do capital e a exclusão social*. Plantation colonial e agronegócio globalizado: Semelhanças e Mudanças, 2015.

MMC – Movimento de Mulheres Camponesas. Disponível em: <http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/45>. Acesso em: 28 de jun. de 2017.

PORTAL DE PESQUISAS TEMÁTICAS E EDUCACIONAIS. *Socialismo Real*. Disponível em: [http://www.suapesquisa.com/o\\_que\\_e/socialismo\\_real.htm](http://www.suapesquisa.com/o_que_e/socialismo_real.htm). Acesso em: 26 de jun. de 2017.

REGALADO, Roberto. *El derrumbe de la URSS tuvo una repercusión enorme en América Latina*. Cubadebate. Ed. Ocean Press. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2012/07/21/el-derrumbe-de-la-urss-tuvo-una-repercusion-enorme-en-america-latina/#.WVGVIevyuUk>. Acesso em: 26 de jun. de 2017.

REYES, Giovanni E. Década de los 80: *ajuste económico y crisis social*. Disponível em: <http://www.zonaeconomica.com/crisis-80>. 2007. Acesso em: 25 de Jun. de 2017.

SÁ, Roger dos Anjos de. *A Revolução Sandinista [manuscrito]: do triunfo à derrota (1979-1990)*: Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. *A questão da mulher na perspectiva socialista, Lutas Sociais*. Transcrição de Suellen de Abreu. São Paulo. n.27. p.82-100, 2011.

SALVIA, Agustín. *Crecimiento, pobreza y desigualdad en América Latina en el contexto de políticas de estabilización y reformas estructurales*. Buenos Aires. Argentina.

SIMIONATTO, Ivete. *O social e o político no pensamento de Gramsci. Gramsci e o Brasil*. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=294>. 1997. Acesso em: 30 de jun. de 2017.

TRASPADINI, Roberta Sperandio; MANDARINO, Thiago Marques. O pensamento social latinoamericano e os desafios do século XXI. Desenvolvimentismo x neodesenvolvimentismo na América Latina: *continuidade e/ou ruptura?* Águas de Lindóia, 2013.

UOL EDUCAÇÃO. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/ronald-reagan.htm>. Acesso em: 30 de jun. de 2017.

VILLAÇA, Mariana Martins. *A redemocratização na América Latina. Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha – ANPHLAC*. 1993. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/redemocratizacao-apresentacao>. Acesso em: 25 de jun. de 2017.

Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Agroneg%C3%B3cio>. Acesso em: 26 de jun. de 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fundo\\_Monet%C3%A1rio\\_Internacional](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fundo_Monet%C3%A1rio_Internacional). Acesso em: 26 de jun. de 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: [https://es.wikipedia.org/wiki/Banco\\_Mundial](https://es.wikipedia.org/wiki/Banco_Mundial). Acesso em: 26 de jun. de 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Commodity>. Acesso em: 26 de jun. de 2017.